Disciplina: História Moderna I
Docente: Prof. Dr. André de Melo Araújo
Discentes: Gabriela Braz Gomes — 221024725; Guilherme Henrique Batista de Almeida — 241016471; Damares Cristine Ferreira Barbosa — 211054284

Seminário: ARAÚJO, André de Melo; LIMA, Verônica Calsoni. "O mundo dos impressos", in: ARAÚJO, André de Melo, et al. (orgs.). **A Época Moderna.** Petrópolis: Vozes, 2024, p. 377–410.

1. Autoria, datação e gênero

O capítulo faz parte do livro A Época Moderna, organizado por André de Melo Araújo, que escreve o capítulo *O Mundo dos Impressos* com Verônica Calsoni Lima. A mesma é professora de História Moderna na UFT e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Já André é professor de História Moderna na UnB desde 2012. O livro foi publicado em novembro de 2024 pela Editora Vozes.

Este capítulo faz parte do manual de História Moderna, adota uma abordagem analítica crítica e interpretativa sobre a circulação de impressos.

2. À motivação histórica e/ou historiográfica de produção do texto em discussão.

Analisar o papel fundamental que a imprensa teve na transformação da sociedade europeia, começando pela prensa de Gutenberg. Os impressos, então, são ligados à circulação de ideias que interagem ativamente com a sociedade. Ao criticar o eurocentrismo, os autores mostram a multiplicidade de agentes que compõem o mundo dos impressos na Época Moderna, mostrando a China como precursor deste.

3. As Divisões

Há, no 13° capítulo ("O mundo dos impressos"), a disposição de 6 repartições (uma introdução; quatro desenvolvimentos de temas e, por fim, o encerramento etiquetado: "Bibliografia Comentada"). Trataremos de quatro desenvolvimentos de temas, uma vez que, apesar de haver uma cronologia alinhada às características transmitidas e organizadas durante as controvérsias jurídicas e conflitos políticos, como o Estatuto da Rainha Ana e o fechamento da oficina de Antônio Isidoro da

Fonseca pela Coroa Portuguesa. Ainda existem camadas de dispositivos que fazem emergir o caráter dinâmico dos mundos que nos precederam.

4/5 Para que pergunta o texto oferece uma resposta? Quais teses são apresentadas?

Consideramos pertinente, portanto, eleger o seguinte questionamento como base para o andamento do capítulo: “E como o experimento europeu veio a transformar os modos de produção e circulação da informação em todo o mundo?” (Araújo; Lima, 2024, p. 378).

A partir dessa pergunta é possível rastrear, ao longo do texto, o desenvolver das antecipações feitas na introdução; essa estrutura narrativa apreende, portanto, a função de localizar as propostas de André Araújo e Verônica Lima. Descrevendo as camadas que vão se sobrepondo da técnica chinesa de xilogravura no Século VIII d.C. até a demasiada emergência dos impressos — tal como em ambientes domésticos no século XVIII.

Os autores do capítulo esclarecem a pergunta-guia com os seguintes argumentos: as posturas dos agentes (os escritores, os editores, os falsificadores, os censores etc.) que participam diretamente na confecção e em uma certa permanência e efemeridade dos objetos impressos, especialmente na geografia europeia. Conforme demonstrado em uma lição de Joseph Moxon:

> Um bom *Compositor* também tem a ambição de tornar o sentido de seu *Autor* inteligível ao *Leitor*, assim como de fazer seu Trabalho parecer gracioso aos Olhos, e agradável à Leitura: Portanto, se a sua *Cópia* está Escrita em uma Língua que ele entende, ele lê sua *Cópia* com consideração; a fim de compreender o sentido do *Autor*, e consequentemente considerar como melhor ordenar o seu Trabalho tanto na *Folha de Rosto*, como no assunto do *Livro* […] (Araújo; Lima, 2024, p. 397).

Conseguimos observar esse fenômeno com Marcus Dahl:

> For it is nevertheless generally admitted that the process by which early modern play-texts attain print is complex — there are various kinds of hands which have contributed to the existence of each text: the poet/playwright, the scribe, the compositor, the editor […] (Dahl, 2016, p. 157).

A proposta desta seção para o seminário vincula-se também à forma como os objetos impressos (almanaques, livros de receitas, imagens e livros sagrados, por exemplo) atuam tanto como agentes de uma historicidade — que não nos é muito

estrangeira, talvez por intermédio deles mesmos — quanto como as diversas mãos envolvidas na produção e reprodução das informações circuladas.

Além de orientarem a recepção de figuras letradas e eclesiásticas — Conrad Celtic, Erasmo de Rotterdam e Enea Silvio Piccolomini — a respeito da tecnologia de impressão, Araújo e Lima traçam a forma dos objetos de diversas tipologias com imagens retiradas de Livrarias/repositórios digitais.

A propósito, para fundamentarmos a escolha da pergunta-guia para o capítulo e a escolha de considerar os objetos impressos como agentes de historicidades acompanhadas por apropriações e descontinuidades — André Araújo e Verônica Lima conseguem sanar o porquê do experimento europeu transformou a distribuição e produção da informação em todo o mundo:

> Sem dúvidas, a impressão proporcionou o aumento da circulação de textos e imagens. As publicações eram potencialmente mais homogêneas, visto que procuravam minimizar as frequentes variações decorrentes das cópias manuscritas. […] esse crescente mercado viabilizou a especialização de diferentes ocupações, como a correção e a tradução. Ao mesmo tempo, a relação das pessoas (mesmo as iletradas) com a informação escrita se transformou (Araújo; Lima, 2024, p. 403).

A Bibliografia Comentada, portanto, segue uma orientação de pesquisa, em alguns aspectos, foucaultianos, como a utilização dos estudos de Roger Chartier e João Adolfo Hansen, de certa maneira Donald F. McKenzie também entra nesse grupo. Para além de um método de abordagem, os objetos de pesquisa presentes nos textos referenciados partem da materialidade dos objetos impressos, da forma e conteúdo (tipografia e tipologia), a dinâmica jurídica e de mercado — e claro, a manifestação desses objetos entre os agentes sociais.

6. Fundamentação e apoio

A leitura do capítulo, pode ser amplamente aprofundada com o apoio da obra clássica de Elizabeth Eisenstein, A Revolução da Cultura Impressa na Europa Moderna (1993). Enquanto o capítulo do volume A Época Moderna apresenta uma análise densa e bem documentada sobre o universo dos impressos nos séculos XVI e XVII, explorando a materialidade do livro, os agentes envolvidos em sua produção e as práticas de leitura, a obra de Eisenstein fornece uma interpretação de longa

duração sobre os impactos estruturais da imprensa na cultura ocidental, permitindo estabelecer conexões mais amplas entre os fenômenos descritos por Araújo e Lima e os processos históricos mais abrangentes da modernidade.

Ambos os textos dialogam em torno de diversos eixos temáticos. Um deles é a importância dos paratextos, em especial da folha de rosto. Araújo e Lima destacam como esse elemento passou a conter informações fundamentais — como a autorização eclesiástica e o nome do autor ou impressor —, constituindo-se como uma estratégia de legitimação do impresso. Eisenstein, embora não se detenha na folha de rosto com o mesmo grau de detalhamento, menciona os prospectos de impressores e editores, revelando a emergência de um aparato paratextual voltado a informar e atrair leitores de modo a alterar também os padrões de pensamento (EISENSTEIN, 1993, p.80). Tal recurso mostra como o livro impresso passou a ser também um produto comercial e discursivo, exigindo estratégias de apresentação que envolviam credibilidade, propaganda e autoridade.

Outro ponto de convergência entre os textos é o papel da censura e do controle sobre os impressos. Araújo e Lima sublinham como a publicação de livros dependia da autorização de autoridades seculares e religiosas, e como essas práticas estavam imersas em interesses diversos. Eisenstein reforça essa perspectiva com exemplos históricos: menciona que Robert Estienne precisou fugir de Paris após perseguições da Sorbonne, e discute como monarcas como Filipe II da Espanha utilizaram a imprensa para publicar breviários religiosos adaptados, contornando o controle papal (EISENSTEIN, 1993, p.99). A autora também trata do Index Librorum Prohibitorum como um dos mecanismos criados para o controle ideológico e moral do conteúdo impresso (EISENSTEIN, 1993, p.190). Esses exemplos demonstram que a censura não era apenas um aparato repressivo, mas parte de uma disputa por hegemonia simbólica e política em tempos de transição religiosa e institucional.

A construção moderna da autoria e do direito de cópia é outro tema que encontra respaldo e desenvolvimento nas duas obras. Araújo e Lima discutem a transformação da noção de autoria — antes vista de maneira coletiva ou funcional — para uma concepção moderna baseada na inventividade individual, o que implicou na criação de sistemas legais de proteção, como o copyright. Eisenstein aponta que

termos como “plágio” e “direito de reprodução” só começaram a ganhar sentido com a consolidação da imprensa e com a atuação dos primeiros impressores, que passaram a lutar por privilégios exclusivos de impressão e a promover a figura do autor como parte da estratégia de venda (EISENSTEIN, 1993, p. 113). A autora ainda observa a transição de uma cultura textual baseada na oralidade e na cópia para uma cultura letrada baseada na fixação e na autoria identificável, transformando completamente o regime de autoridade textual.

A imprensa é descrita por ambos os textos como catalisadora de mudanças culturais e políticas. Araújo e Lima abordam a circulação de panfletos e o papel do impresso nas revoluções Inglesa, Americana e Francesa. Eisenstein compartilha dessa leitura e considera a imprensa como um “novo poder” que reconfigurou os métodos de comunicação e de armazenamento do conhecimento, além de ter contribuído decisivamente para a Reforma Protestante e para o surgimento de novos regimes de verdade e racionalidade (EISENSTEIN, 1993, p. 149).

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, André de Melo; LIMA, Verônica Calsoni. “O mundo dos impressos”, in: ARAÚJO, André de Melo, et al. (orgs.). **A Época Moderna.** Petrópolis: Vozes, 2024, p. 377–410.

DAHL, M. Authors of the Mind. Journal of Early Modern Studies, *[S. l.]*, v. 5, p. 157–173, 2016. DOI: 10.13128/JEMS-2279-7149-18087. Disponível em: https://oajournals.fupress.net/index.php/bsfm-jems/article/view/7058. Acesso em: 27 apr. 2025.

EISENSTEIN, Elizabeth L. A revolução da cultura impressa. Os primórdios da Europa moderna. São Paulo: Ática, 1998.